

1982 não trouxe novidades: os problemas proliferam

Eurico Penteado



Ao que parece, o frio e os altos preços do café andam juntos. Se ocorrer e um a grande geada no Brasil, a produção cafeeira obviamente declina, diminuindo a oferta e elevando os preços. Se, porém (como acontece neste momento), um violento inverno praticamente congela os mercados importadores dos Estados Unidos e da Europa, o consumo de café aumenta, o que faz crescer a procura e subirem os preços.

Após a grande geada de 1975 (para muita gente o adjetivo adequado seria "calamitosa"), mas, tudo bem considerado, temos a impressão de que, para a economia nacional, ou seja, para o Brasil, esse fenômeno climático, longe de ter sido funesto, foi altamente benéfico), os mercados importadores, cépticos ante as nossas informações sobre o fenômeno climático, uma vez que a Central de Geadas de Londrina se encarregou de desacreditá-las, somente nos primeiros meses de 1977 realmente se convenceram da extensão e da intensidade da geada de 18 de julho de 1975 e de seus danos à produção cafeeira do maior abastecedor dos mercados mundiais. E então, com o incentivo do tradicional nervosismo dos especuladores, as cotações de compradores para o mês mais próximo no pregão de fechamento atingiram as maiores altas de todos os tempos, em 14 de abril desse ano (1977): 335 cents por libra-peso na Bolsa de Nova York, e 4.080 libras esterlinas por tonelada métrica, na Bolsa de Londres. Anteontem, 12 de janeiro, essas cotações eram de 138,65 cents e de 1.134 libras esterlinas.

O ponderado conselheiro Acácio talvez concordasse com esta prudente previsão: "Se o frio permanecer intenso na Europa e nos Estados Unidos, os preços de-

verão subir algo mais. Se isso não acontecer, poderão baixar, até maio. De então até setembro deverão manter-se estáveis, salvo ocorrência de geadas no Brasil, caso em que de novo se elevarão". Pode parecer primário, mas é lógico.

De acordo com as notícias que têm aparecido neste límbar de novo ano, e com base nas opiniões de abalizadores econômistas, as possibilidades econômicas de 1982, em confronto com a realidade de 1981, distribuem-se em apenas três categorias: podem ser piores, podem ser equivalentes ou podem ser melhores.

Diziam os antigos, sarcasticamente: "Grammatici certant". Poderíamos dizer hoje, sem resquício de sarcasmo, que os economistas discutem. Ou que se diverte.

Um dos primeiros resultados positivos do ano findo, porém, o do saldo favorável de nosso balanço de comércio, é deveras auspicioso.

Tal superávit, de US\$ 1.207 bilhão, que nossos colegas de "O Estado de S. Paulo" proclamaram "o maior de toda a história econômica brasileira", é realmente alvíssareiro, quanto confirma — ou reafirma — o enorme potencial de nossas exportações, assunto de que já nos temos ocupado por estas colunas.

Realmente, nos últimos onze anos, o valor total de nossa exportação passou de US\$ 2,74 bilhões, em 1970, para 23,29 bilhões em 1981, registrando, pois, nesse curto período, o crescimento espetacular de 750%.

Tal resultado constituiria, em qualquer país do mundo civilizado, uma proeza de tal magnitude que provocaria louvores ditirâmbicos. No Brasil, porém, passou despercebida. Não mereceu, já não diremos modesta manchete de duas colunas, mas sequer humilde menção nas últimas colunas da parte econômica.

No ambiente político internacional parece que as dificuldades se acumulam e se agravam. Em recente

entrevista para a conceituada publicação "U.S. News and World Report" (edição de 4 do corrente) o presidente dos Estados Unidos, sem pessimismo injustificado, fez declarações sombriamente realísticas. Referindo-se especificamente à URSS declarou textualmente: "Nossa atitude para com a União Soviética é de não alimentar ilusões nem crer em evasivas. Os dois países não utilizam a mesma faixa de ondas". Ou seja: EUA e URSS não se entendem.

No passado, o que se tem verificado é positivamente uma farsa: sempre que os

problemas chegam a uma fase aguda o Kremlin sugere uma reunião da cúpula. E nela assina um acordo, que simplesmente não cumpre. Helsinque é apenas um exemplo entre vários.

Reagan, entretanto, parece firmemente decidido a não participar dessa pantomima. Certo é que — social e politicamente — a União Soviética é um conglomerado heterogêneo e combatido. Seu baixíssimo padrão de vida é fonte de crescente e já inquietador descontentamento popular.

Por outro lado, entretanto, como potência militar, a União Soviética ainda em-

parelha com os Estados Unidos. (Frequentes notícias e até estatísticas, tendentes a demonstrar superioridade soviética, devem ser postas de quarentena, por quanto — ao que já foi observado — parecem inspiradas ou manipuladas por agentes americanos, com o objetivo de impressionar a opinião pública e o Congresso, para evitar que este reduza os gastos militares. "Sí non é vero...")

Outra notícia surpreendente deste início de ano: países industrializados do Ocidente vão celebrar uma reunião para estudar medidas de contenção à expan-

são das exportações japonesas. Ou seja, para castigar o Japão por seu excesso de eficiência.

Esse país oriental não tem petróleo e, praticamente, não tem agricultura. Importa, pois, todo o petróleo e quase todo o alimento de que necessita. Mas é altamente eficiente e perfeitamente disciplinado, o que lhe permite exportar artigos industrializados, de qualidade pelo menos equivalente à dos que exportam os países desenvolvidos do Ocidente, porém a preços sensivelmente mais baixos.

É claro que tanta eficiência não pode ser tolerada...